

É HORA DE (RE)TORNAR: INTERVENÇÃO ESPACIAL PARA VISIBILIZAÇÃO DO POVO KAINGANG NA CIDADE DE CHAPECÓ

Es hora de (re)hacer:

Intervención espacial para hacer visible a la gente de Kaingang en la ciudad de Chapecó

It's time to (re)define:

Spatial intervention to make the Kaingang visible in the city of Chapecó

Fernanda Machado Dill

Pós-Doutoranda, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
fernanda.dill@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6294-6091>

Ayrton Portilho Bueno

Professor, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
ayrtonbueno@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3559-5924>

Vanessa Goulart Dorneles

Professora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
arq.vanessagdorneles@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3279-2888>



É agradece à CAPES pela bolsa concedida no doutorado no Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC, possibilitando o desenvolvimento da pesquisa.

Estruturas tradicionais para o trabalho com o artesanato, referenciais para o projeto.
Fonte: Fotografia de Fernanda M Dill

RESUMO

A população indígena Kaingang habita o espaço que compreende o centro no município de Chapecó, Estado de Santa Catarina no Sul do Brasil desde antes da configuração formal da cidade. No entanto, devido ao processo de urbanização, tal comunidade teve sua trajetória histórica e sua relação com a cidade invisibilizadas por ações oriundas principalmente do poder público. Pra contribuir na transformação desse contexto, foi elaborado, de forma colaborativa com a comunidade indígena, o projeto de um sistema de espaços livres para diálogos interculturais, que se propõe a contar a história da cidade a partir do olhar de seu povo tradicional e ressignificar espaços públicos urbanos através de intervenções espaciais em diferentes escalas. As estratégias metodológicas adotadas incluem pesquisas bibliográficas, visitas exploratórias, relatos de história oral, poema dos desejos e observação participante, valorizando o protagonismo da comunidade Kaingang no processo de projeto. O presente artigo apresenta os resultados desse projeto e evidencia as possibilidades de valorização histórica e cultural através de intervenções urbanas. Acredita-se que ações de ordem espacial podem ressignificar tanto os lugares quanto as interações humanas decorrentes da vivência desses espaços.

Palavras Chave: Cultura Kaingang, identidade cultural, intervenção urbana, história da cidade, sistema de espaços livres

RESUMEN

La población indígena Kaingang habita el espacio que comprende el centro en el municipio de Chapecó-SC, Estado de Santa Catarina en el sur de Brasil, desde antes de la configuración formal de la ciudad. Sin embargo, debido al proceso de urbanización, dicha comunidad tuvo su trayectoria histórica y su relación con la ciudad se hizo invisible por acciones originadas principalmente por el gobierno. Para contribuir a la transformación de este contexto, se elaboró un sistema de espacios libres para el diálogo intercultural, en colaboración con la comunidad indígena, que propone contar la historia de la ciudad desde la perspectiva de sus pueblos tradicionales y redefinir los espacios. audiencias urbanas a través de intervenciones espaciales a diferentes escalas. Las estrategias metodológicas adoptadas incluyen investigación bibliográfica, visitas exploratorias, informes de historia oral, un poema de deseos y observación participante, valorando el papel de la comunidad Kaingang en el proceso de diseño. Este artículo presenta los resultados de este proyecto y destaca las posibilidades de valorización histórica y cultural a través de intervenciones urbanas. Se cree que las acciones espaciales pueden ressignificar tanto los lugares como las interacciones humanas resultantes de la experiencia de estos espacios.

Palabras Clave: Cultura Kaingang, identidad cultural, intervención urbana, historia de la ciudad, sistema de espacio libre

ABSTRACT

The Kaingang indigenous population has inhabited the space that comprises the heart of the municipality of Chapecó-SC, State of Santa Catarina in Southern Brazil, since before the formal foundation of the city. However, due to the urbanization process, this community has seen its history and relationship with the city made invisible by actions, originating mainly from the government. In order to contribute to the transformation of this context, a system of free spaces for intercultural dialogues was prepared collaboratively with the indigenous community, which proposes to tell the history of the city from the perspective of its traditional people and to redefine urban public spaces through spatial interventions at different scales. The methodological strategies adopted include bibliographic research, exploratory visits, oral history reports, a poem of wishes and participant observation, valuing the role of the Kaingang community in the design process. This paper presents the results of this project and highlights the possibilities for historical and cultural valorization through urban interventions. It is believed that spatial actions can re-signify both the places and the human interactions resulting from the experience of these spaces.

Keywords: Kaingang culture, cultural identity, urban intervention, city history, free space system

INTRODUÇÃO

A urbanização da cidade de Chapecó, localizada na região oeste do estado de Santa Catarina - Brasil foi marcada por um processo contínuo de desrespeito, violência e sucessivas ações para invisibilização das comunidades nativas assim como na maioria das cidades do interior do país. A trajetória construída historicamente envolvendo a cidade e o Povo indígena Kaingang, tem reflexos no presente, uma vez que ao caminhar pela cidade, observam-se inúmeros símbolos do triunfo colonizador e a inexistência de qualquer referência indígena, a não ser os próprios descendentes Kaingang, que resistem e retornam à sua terra tradicional.

Atualmente a população urbana chapecoense, em sua maioria, não reconhece o Povo Kaingang como habitantes nativos do território, desconhece sua cultura e desrespeita as especificidades do seu modo de viver, fazendo emergir um sentimento de discriminação e rejeição em relação aos indígenas, que buscam ainda hoje retomar as relações com sua terra de tradicional. Diante desse contexto e a partir de demandas da própria comunidade Kaingang, em 2016, iniciou-se o diálogo e reflexões sobre uma possível intervenção espacial no centro do município, com o objetivo de desenvolver, através de processo colaborativo de projeto, um sistema de espaços urbanos livres públicos que considerasse as bases da cultura Kaingang ao mesmo tempo em que promovesse a interação entre os indígenas e a sociedade envolvente.¹ Buscou-se com propostas de intervenção espacial, revisibilizar a cultura Kaingang no cotidiano da cidade, proporcionar o conhecimento sobre a história dos lugares a partir do olhar de seu povo tradicional e promover o reconhecimento e respeito à diversidade cultural.

Este artigo pretende explorar as possibilidades de valorização histórica e étnica, além da resignificação dos lugares da cidade por meio de intervenções espaciais, para tanto, a metodologia adotada para o projeto, teve como objetivo dar voz aos indígenas e valorizar a memória dos anciãos Kaingang na elaboração das propostas. Acredita-se que para pensar e reconstruir significados urbanos, é necessário compreender os espaços livres ou edificados como potenciais comunicadores culturais. Por isso inicia-se com uma breve discussão teórica sobre cultura e identidade tanto na perspectiva humana quanto na espacial. Na sequência, são explicados os recursos metodológicos adotados na pesquisa para compreender o Povo Kaingang e a relação da comunidade da aldeia Kondá com a cidade de Chapecó. Por fim, o projeto resultante é apresentado e discutido a partir de seu potencial para a visibilização da cultura Kaingang e resignificação de espaços urbanos que possam contribuir na valorização das relações interculturais na cidade contemporânea.

Nesse estudo compreende-se que a cultura, precisa ser pensada como uma questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva (Kuper, 2002). Os valores, cosmologia, princípios morais, modo

1 A proposta surgiu a partir de uma iniciativa acadêmica com o objetivo transformar os dados de pesquisa em um estudo de projeto, atendendo a uma demanda da comunidade. Após as reuniões de construção e apresentação da proposta, percebeu-se o anseio da comunidade pela execução do projeto e desde então tem-se estabelecido diálogo com o Ministério Público Federal e entidades parceiras para viabilização da proposta.

de viver, organização espacial e estética, são expressos por meio de símbolos, caracterizando a cultura como um sistema simbólico, todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética (Tylor, 1958). A cultura é compreendida como um potencial instrumento de identificação coletiva, onde o modo de viver de um grupo estabelece fronteiras com outras sociedades e essas interações produzem materialmente o espaço físico, reflexo e identidade do contexto cultural ao qual pertencem (Dill, 2019).

Este caráter de identificação coletiva ligado à cultura faz com que a questão da identidade seja extensamente discutida, na teoria social e também nas áreas de conhecimento que tratam do entendimento do espaço, na medida em que o território apropriado é uma expressão da identidade cultural. Arquitetos como Amos Rapoport, Simon Unwin, discutem o quanto os espaços arquitetônicos e urbanísticos carregam identidade, que deveria estar intimamente ligada a de seus usuários e/ou projetistas, revelando identificação e aderência com seu contexto cultural. Ao pensar a identidade em termos de sociedades tradicionais, Giddens (2002) destaca que estas têm veneração pelo passado, onde os símbolos são valorizados por conterem experiências de gerações e a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço; dessa forma, a identidade de um povo está diretamente ligada à sua construção histórica e a história dos espaços onde seus antepassados viveram. Na contemporaneidade, discute-se a tão falada crise de identidade, resultado de processos de globalização e homogeneização dos modos de viver e pensar no mundo, as identidades estão sendo descentradas, deslocadas e em alguns casos, fragmentadas. Acredita-se que, a partir de reflexões críticas, tal observação possibilita a construção de um mosaico identitário, no qual se identificam “as” e não “a” identidade, sejam elas coletivas ou individuais.

Percebe-se que a identidade, assim como a cultura, é estabelecida na relação com o outro, a identificação na sociedade contemporânea aparece como a representação daquilo que se quer ser, aparentar ou integrar. Nesse contexto, do qual surgem regras para as relações humanas, é fundamental a compreensão do papel do lugar e do território, como palco dessas interações, por vezes compostas e contraditórias. O lugar transcende as limitações do espaço geométrico, à medida que através de relações sociais, os grupos atribuem valor a ele TUAN (1983), de forma complementar, o território representa a relação de afinidade com o espaço geográfico historicamente construído, base para as relações sociais e culturais estabelecidas ao longo do tempo. Assim, na interação com o espaço, diferentes grupos étnicos constroem significações e relações, que podem, por influência do lugar amenizar ou reforçar fronteiras étnicas. Na construção desses significados nasce a identidade do lugar. Em arquitetura e urbanismo, a identidade de lugar

é definida como uma subestrutura da identidade humana que incorpora as cognições sobre o mundo em que os indivíduos vivem, contemplando as memórias, ideias, relações sociais, sentimentos, atitudes, valores e preferências acerca dos diversos ambientes em que estão inseridos (Proshansky, 1983).

A criação do lugar não é exclusividade do fazer arquitetônico ou urbanístico, pois as pessoas atribuem significados aos espaços ininterruptamente (Unwin, 2013). No caso das comunidades Kaingang, observa-se o protagonismo indígena nas reivindicações não apenas pelo espaço, mas pela participação no processo de desenho, pautado pela intenção de fortalecimento cultural (Zanin e Dill, 2016). Esses fatores facilitam a identificação do usuário com o lugar e “[...] talvez a ideia da participação coletiva seja o aspecto mais importante de pensar na arquitetura e o urbanismo como identificação de lugar[...].” (Unwin, 2013). Uma vez que os lugares abrigam relações humanas, podem influenciar comportamentos e proporcionar experiências ligadas ao reconhecimento e valorização cultural.

Neste contexto, o espaço livre público é elemento primordial da estrutura e da paisagem urbana. Possibilita a relação entre a materialidade e a sociedade, buscando qualificar a interação social com o suporte (Magnoli, 2006). Ruas, largos, praças, pátios, quintais, jardins, parques, avenidas, entre os mais frequentes tipos de espaços livres, formam o sistema de espaços livres de cada cidade e é esse sistema que a integra e, faz a interface entre os lugares privados e a malha permeável urbana. Assim, os espaços livres são entendidos como elementos estruturadores, que se constroem enquanto significado, de forma sistêmica, os mesmos não se sustentam apenas neles mesmos, mas em relação com os demais lugares que constituem a paisagem urbana. Destaca-se que os projetos de intervenção espacial urbana, principalmente na esfera pública, desempenham relevante papel social na medida em que carregam as intenções de seus projetistas bem como se comprometem com o grupo cujas demandas pretendem atender.

Compreender as relações entre identidade, valorização cultural e espaços abertos e tentar aproximá-las é o pano de fundo que move o desenvolvimento deste trabalho, pois é a partir da proposta de integração de espaços abertos em Chapecó que se pretende revelar a cultura Kaingang.

METODOLOGIA

Considerando a complexidade que envolve a análise da cultura de um grupo e as suas relações com o território, a pesquisa adota a abordagem qualitativa para a compreensão e explicação da dinâmica das socioespaciais. O quadro da Figura 01 define os objetivos específicos propostos para o projeto, bem como as estratégias metodológicas consideradas para alcançá-los.

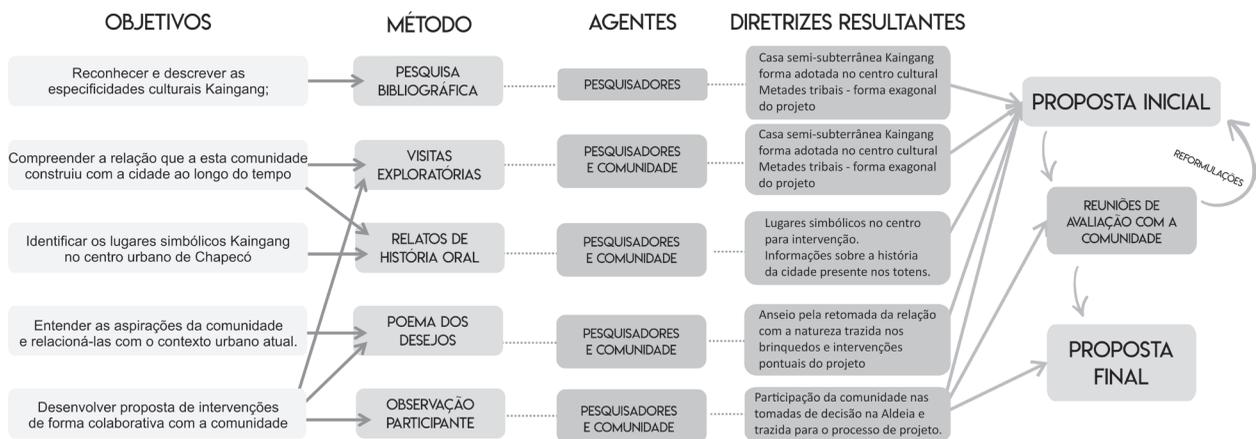


Figura 1

Objetivos do projeto e métodos de pesquisa adotados.
Fonte: Elaboração própria

Pesquisa bibliográfica: Foi realizada com o objetivo de oferecer o aporte teórico para análise dos dados de campo, compreensão e descrição da cultura tradicional Kaingang, bem como da história do município de Chapecó.

Visitas exploratórias: Representam as primeiras aproximações com o objeto de estudo e podem ser registradas através de desenhos, anotações e fotografias (Reinghantz, *et. al.* 2008). O objetivo foi compreender a relação estabelecida entre os indígenas e o território do centro da cidade e posteriormente, viabilizaram a participação das comunidades na elaboração da proposta de intervenção espacial.

Relatos de história oral: Consiste em uma prática de apreensão de narrativas por meios eletrônicos destinados a recolher testemunhos e promover análises de processos sociais do presente. Com base em um projeto inicial e na escolha do grupo a ser pesquisado, os registros tornaram-se documentos pautados da história do tempo presente, ou história viva (Meihy, 1996). O foco foi a identificação dos lugares simbólicos para a comunidade no centro da cidade e a compreensão das especificidades culturais Kaingang.

Poema dos desejos: Desenvolvido por Henry Sannof (1991), consiste em uma dinâmica de grupo onde o pesquisador solicita aos usuários de um determinado local que descrevam verbalmente ou expressem por meio de desenhos suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao edifício ou ambiente analisado. O método foi utilizado

com enfoque nos espaços idealizados, assim, apresentou-se uma ficha aos participantes contendo uma frase aberta “Nossa aldeia ideal seria assim...” que responderam de forma espontânea por meio de desenhos e escrita. Assim, elementos espaciais observados na representação da aldeia ideal, puderam ser contemplados nas propostas espaciais para o centro da cidade.

Observação participante: Parte da premissa de que a apreensão de um contexto social específico só pode ser concretizada se o observador puder imergir e se tornar um membro do grupo social investigado. Segundo Mann, é uma “[...] tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tomando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles” (Man, 1970). Só então, pode-se compreender a relação, no cotidiano, entre os espaços e os significados atribuídos pelo grupo.

Após a adoção das estratégias acima descritas, foram definidas as diretrizes que geraram a primeira proposta de projeto, que sofreu alterações a partir do diálogo com a comunidade até que se chegasse à proposta final. Dessas experiências, além do próprio projeto construído coletivamente, surgiram informações e conhecimentos além dos esperados, dados que sem a convivência e o diálogo, possivelmente não seriam descobertos e que foram fundamentais para se pensar espaços com caráter intercultural.

RESULTADOS

OS KAINGANG DA ALDEIA KONDÁ E A HISTÓRIA DA CIDADE

Os índios Kaingang habitam as regiões sul e sudeste do Brasil,² desde o Estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul, fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê, e junto com os Xokleng, que habitam outras áreas deste mesmo estado, formam o grupo dos Jê-Meridionais (Junior, 2010). Tommasino e Fernandes (2001), descrevem os Kaingang como um grupo primordialmente estabelecido a partir de uma organização social dualista, patrilinear, exogâmica e matrilocal. Isto é, existiriam dois grupos de linhagens de parentesco, transmitidas pelo pai aos descendentes, onde as alianças matrimoniais sempre se dão entre indivíduos pertencentes às metades opostas e após o casamento, o noivo vai morar com os pais da noiva.

No mito de origem coletado por Telêmaco Borba (1908) encontra-se uma versão resumida da cosmologia dualista Kaingang, os heróis culturais Kamé e Kairu produzem não apenas as divisões entre os homens, mas também a divisão entre os seres da natureza. Os membros das metades se diferenciavam também através das marcas ou pinturas corporais [Figura 02]. Como coloca Nimuendanju (1913), os Kamé se representavam através de marcas compridas, riscos verticais e os Kairu, possuíam marca redonda. “[...] os dos Kamé é feito com lascas de pinheiro queimadas e depois umedecidas. Os do grupo Kairu são feitos como madeira de sangria” (Kresó, 1997). Dessa forma, a coloração dos grupos fica assim definida: Kamé-preto, Kairu-vermelho.

2 No Brasil, existem 305 etnias indígenas que estão presentes nas cinco regiões do país, sendo que a região norte concentra o maior número de indivíduos. De acordo com o IBGE (2010) o povo Tikuna, residente no Amazonas apresenta maior população, seguido pelo Povo Guarani Kaiowá de Mato Grosso do Sul e os Kaingang da Região Sul. Em Santa Catarina, os Kaingang representam a maioria da população indígena (63%), seguidos pelos Xokleng (21%) e pelos Guarani (16%) IBGE (2010).



Figura 2

Grafismo Kaingang – Kamé e Kairu.
Fonte: Elaboração própria

Sobre o contexto local, logo após a emancipação política do município de Chapecó, intensificou-se o processo de perseguição aos índios, impedindo que eles ocupassem a cidade. A partir de 1927, algumas autoridades locais começaram a solicitar novas medições dessas áreas de terra e quando o espaço já estava sob a jurisdição de Santa Catarina, a posse dessas áreas também começou a ser reivindicada por autoridades que agiam em causa própria (Campos, 2004).

Em meados do século XX com o processo de construção da cidade de Chapecó, os indígenas, continuaram sendo desrespeitados e expropriados de suas terras. A cidade abrigava uma vasta população nativa, constituída por dois grupos principais distintos: o primeiro, composto pelas famílias que residiam em bairros da cidade adaptados à nova cultura imposta na época e tornaram-se quase invisíveis. O segundo grupo, mais extenso, era composto pelas famílias que resistiam e estabeleciam uma relação de parentesco baseada na preservação da cultura, dessa forma, constituíam as aldeias na cidade (Tommasino *et al.*, 1998). Esses eram visíveis e provocavam reações mais variadas da população urbana, acionando todos os preconceitos acumulados contra os índios, constituindo-os como um problema social. Essa população representava um total estimado de 64 famílias e 212 pessoas.

Os Kaingang descrevem a cidade de Chapecó, como sua terra tradicional, onde caçavam, coletavam e também onde enterravam seus mortos (Tommasino, 1999). A terra de seus avós, conforme relatos dos an-

ciãos da comunidade, coincide com o atual centro da cidade, revelando por que os Kaingang da Aldeia Kondá insistem que a cidade de Chapecó é a sua terra tradicional.

Com base nos relatos dos Anciãos da Aldeia Kondá e no laudo antropológico de Tommasino (1998), foi elaborado o mapa abaixo [Figura 03], no qual se observa o centro da cidade em 2019 como Território original Kaingang: O Rio Passo dos Índios, atualmente canalizado, representava um importante local de reunião do grupo, o primeiro grande assentamento, onde atualmente se localiza a Igreja Matriz e a Praça Coronel Ernesto Bertaso e o Cemitério Kaingang, onde hoje se situa um importante Hotel da cidade.

Utilizando como base as pesquisas realizadas, considerando as pré-existências no centro urbano da cidade e contanto com a participação da comunidade da Aldeia Kondá, foram estabelecidas diretrizes projetuais e posteriormente elaborada a proposta de intervenção, que pretende valorizar a história da cidade e permitir diálogos interculturais na contemporaneidade.

Figura 3

Terra tradicional Kaingang no centro da cidade de Chapecó.
 Fonte: Elaboração própria com base nos relatos de história oral dos anciãos da comunidade da Aldeia Kondá e em Tommasino (1998)



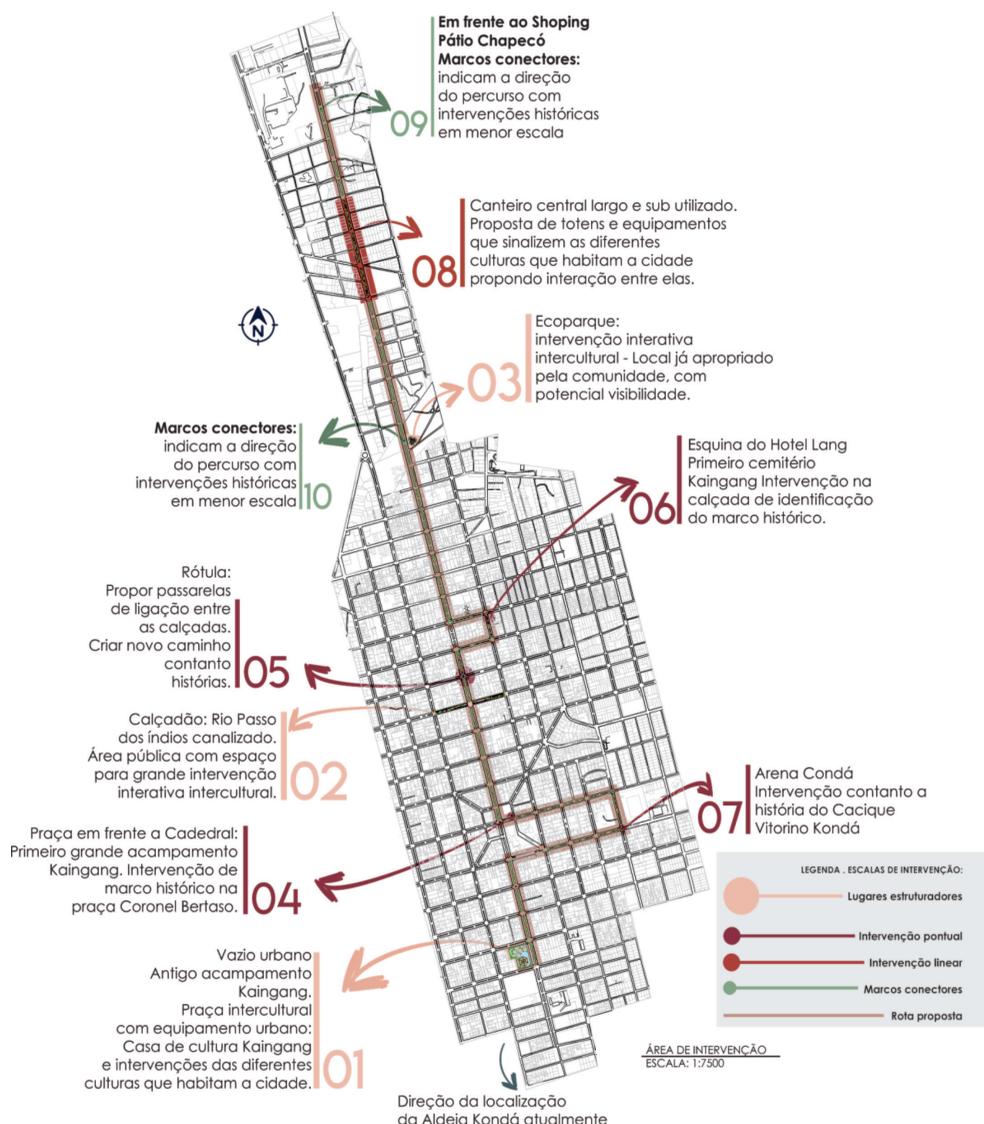
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO CENTRO URBANO

A partir das pesquisas realizadas, foram identificadas as demandas da comunidade e os lugares simbólicos para os indígenas no centro da cidade. A partir das análises dos espaços públicos do centro do município e do Plano diretor, foram localizadas as áreas verdes, praças apropriadas e vazios urbanos, que foram considerados áreas de potencial intervenção.

Foram propostas quatro escalas de intervenção, constituindo uma rota etno histórica no centro urbano conforme ilustra a Figura 04. As cores demarcam as diferentes escalas de intervenção pensadas a partir da rota definida, conforme descrito a seguir.

O percurso toma como base a Avenida Getúlio Vargas e dois desvios, detalhados na sequência. A composição formal de todas as escalas de intervenção tem como base a forma geométrica hexagonal, cuja escolha deu-se na intenção de equilibrar os traços retos

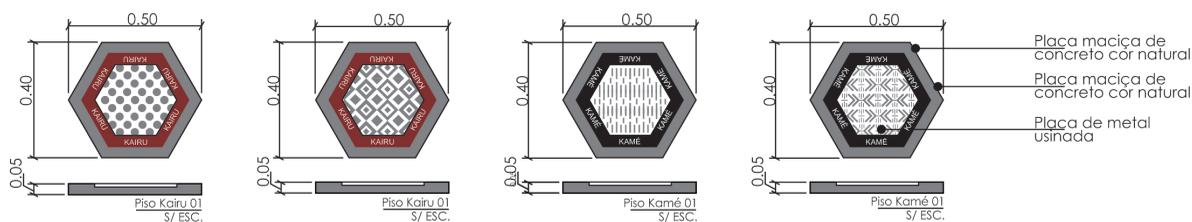
Figura 4
Proposta de intervenção. Sistema de Espaços Livres.
Fonte: Elaboração própria



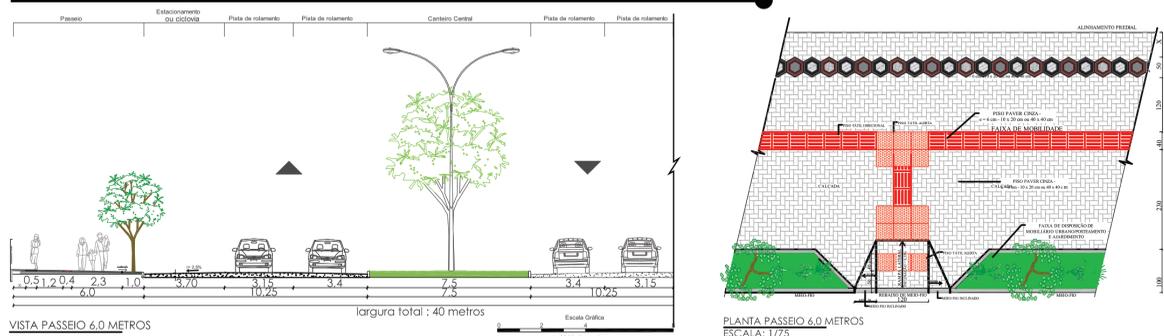
(elementos de identificação da metade tribal Kamé) e os círculos, ou formas fechadas (elementos de identificação da metade tribal Kairú), contemplando a dualidade complementar Kaingang. Para a demarcação da rota, foi proposta uma pavimentação de sinalização. O desenho do piso foi inspirado nas metades tribais do Povo Kaingang, conforme detalhado na Figura 05.

Para cada tipo de via foi definida a posição do piso de acordo com a largura da calçada e disposição definida para o piso tátil no Plano Diretor. Na figura 05 são apresentados os perfis e plantas das duas principais vias do percurso.

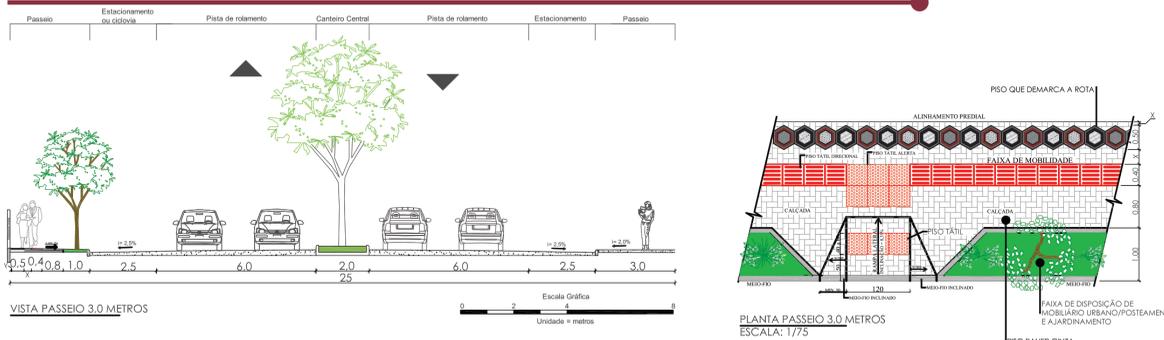
Figura 5
Pisos de demarcação da rota.
Fonte: Elaboração própria



DETALHAMENTO DE PAGINAÇÃO DO PISO VIA ARTERIAL ESPECIAL GETÚLIO VARGAS



DETALHAMENTO DE PAGINAÇÃO DO PISO VIA COLETORA ESPECIAL



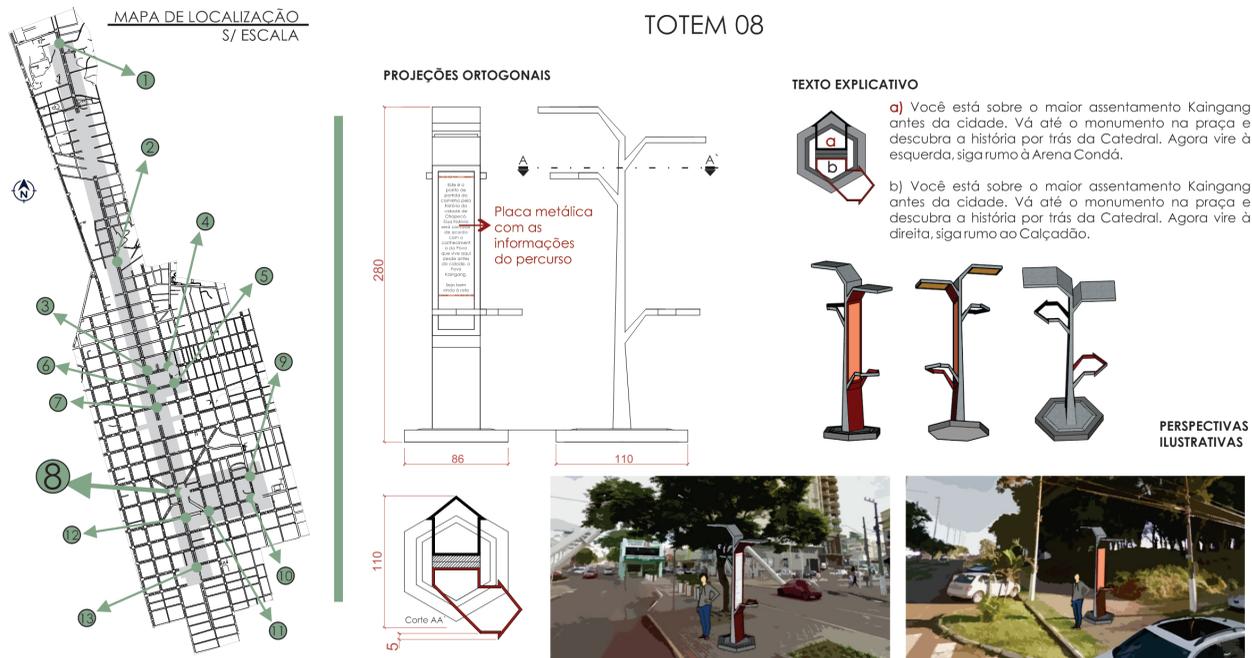
MARCOS CONECTORES

Os elementos propostos são responsáveis pela comunicação visual urbana e têm o papel de orientar sobre as mudanças de direção e as próximas intervenções encontradas no percurso através de dez Totens posicionados majoritariamente nas esquinas. Como exemplificação, a Figura 06 ilustra o Totem 08, com os textos informativos e perspectivas ilustrativas.

As informações comunicam sobre fatos históricos e lugares cujo significado é relevante para a valorização do povo nativo da cidade.

Figura 6

Totens – marcos conectores.
 Fonte: Elaboração própria



INTERVENÇÕES PONTUAIS E LINEARES

Lugares simbólicos, fundamentais para a compreensão da história da cidade, saem da invisibilidade e ganham o destaque através de um parque linear, brinquedos, monumentos e comunicação visual urbana, conforme ilustra a Figura 07.

Figura 7

Parque linear e intervenções pontuais.
 Fonte: Elaboração própria



O parque linear em plena avenida central da cidade. Um lugar já consolidado e apropriado pela população, com a intervenção, possibilitará aos moradores interação social e conhecimento histórico. A qualificação dessa área através do paisagismo, do mobiliário urbano e da comunicação visual transforma a paisagem que a partir das modificações, ganha canteiros arborizados, espaços de convivência com bancos e coberturas com vegetação que permitem o sombreamento das áreas.

Um desses lugares é identificado pelo ponto A da Figura 07. O lugar onde se encontra a Praça Coronel Bertaso e a Igreja Matriz constituía o primeiro assentamento Kaingang. Contam os Anciãos que a Igreja foi construída com o ouro que os Jesuítas roubavam das índias. Assim, propõe-se para esta praça, um brinquedo que busca trazer a vista as trocas sociais entre indígenas e não indígenas, por meio de simulacros de elementos da natureza onde essas trocas aconteciam, bem como uma referência à infância indígena e às brincadeiras nos galhos das árvores.

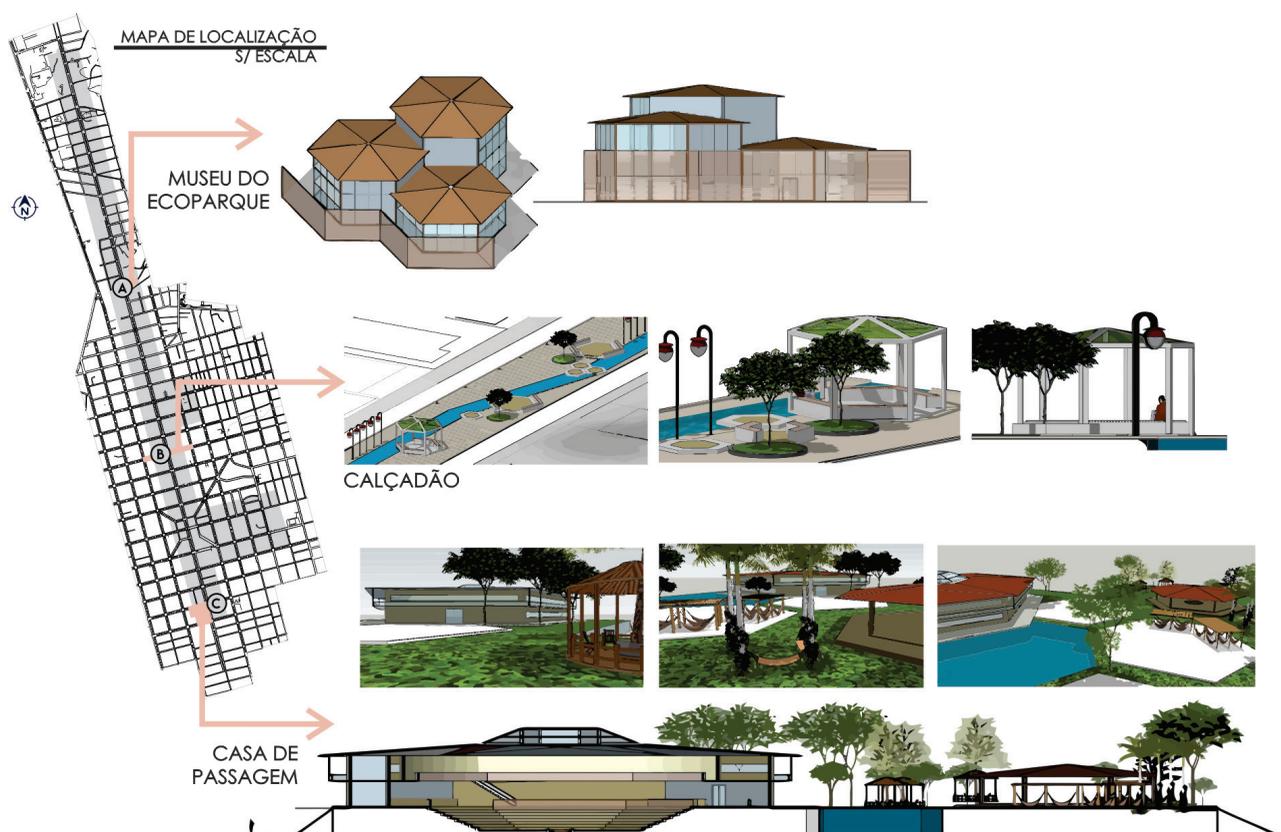
No ponto B, uma das rótulas de maior movimento de veículos da cidade, é proposto um conjunto de passarelas, referenciando as pontes que os indígenas construíam para atravessar rios, ou lugares perigosos. O objetivo foi oferecer aos usuários uma nova experiência de travessia, considerando uma parada para contemplação. Os materiais propostos contemplam a matéria prima natural das antigas construções indígenas, priorizando revestimentos em madeira e a utilização de algumas espécies de cipó.

Por fim, nos pontos C e D, são propostos monumentos. No ponto C, localiza a Arena Kondá, cujo monumento deve representar as famílias indígenas, que resistem até hoje apesar de terem, inclusive membros de seu próprio povo, voltando-se contra ele em favor de interesses econômicos e políticos. No ponto D, está enterrado o primeiro Cacique do Povo Kaingang da região. Como a localização indicada é exatamente o local onde hoje é o Hotel Lang Palace, a intervenção proposta é um monumento que faça referência à importância da ancestralidade para o Povo Kaingang.

LUGARES ESTRUTURADORES

Esta é a maior escala de intervenção planejada, compreende obras arquitetônicas e na escala urbana, criação de espaços livres, mobiliário e comunicação visual. Estão pontuados três lugares estruturadores [Figura 8].

No Eco parque (Ponto C), sugere-se a construção de um Museu de história indígena construído a partir de três estruturas hexagonais. Cada uma das torres ficará responsável por abrigar um tempo histórico da cidade a partir do olhar do Povo Kaingang. A Torre 1 abrigará os artefatos arqueológicos das populações indígenas da região. A Torre 2 contará a história do processo de urbanização da cidade, no qual os indígenas que ocupavam toda a área urbana central, tiveram seu território devastado, e sua área reduzida a menos de um quarteirão da cidade. Por fim, a Torre 3 trata da cultura Kaingang contemporânea e sua relação com a cidade na atualidade, para tanto, abriga artefatos do artesanato e utensílios utilizados pela comunidade da Aldeia Kondá.



No Calçadão da Rua Benjamim Constant (Ponto B), onde se localiza o Rio passo dos índios, hoje canalizado, tem sua existência referenciada em um espelho d'água que conduz o percurso do Calçadão. São criados lugares de interação social, realização de feirinhas ao ar livre e contemplação, trazendo para o centro urbano, um espaço onde as pessoas passam e permanecem em contato com a natureza e, através da comunicação visual, conhecem um pouco mais da história cidade.

Finalmente, o vazio urbano (Ponto A) dá lugar a uma praça aberta à comunidade que abriga uma Casa de passagem e o Centro cultural Kaingang. A arquitetura de ruptura com a que se apresenta no entorno, resgata o saber tradicional, utilizando estruturas semi subterrâneas, cobertura com trama de palha trançada e fogo de chão.

Esta área responde diretamente a demanda da comunidade da Aldeia Kondá e proporciona aos indígenas um ponto de apoio da cidade. Aos visitantes, dá a oportunidade de conhecer as comidas típicas, as danças tradicionais, os ensinamentos dos índios mais velhos, o conhecimento da língua e da cultura Kaingang e sobretudo a possibilidade ressignificar este espaço por meio do respeito à diversidade e da valorização cultural. A proposta foi construída em parceria com a comunidade e apresentada para outras lideranças indígenas da região, que por sentirem-se representadas nos espaços criados, abraçaram o projeto e lutam para a viabilização e materialização do mesmo.

Figura 8
Lugares
estruturadores.
Fonte: Elaboração
própria

DISCUSSÃO

Entende-se que a criação do lugar não é exclusividade do fazer arquitetônico e urbanístico, mas uma associação deste com os usos e significados atribuídos pelas pessoas aos espaços ininterruptamente, isto é, o lugar surge das interações e diálogos entre aspectos humanos e espaciais. Na proposta aqui apresentada, o processo colaborativo que alicerçou seu desenvolvimento e o foco na valorização de uma comunidade tradicional, historicamente marginalizada, permitem um novo olhar para esses espaços urbanos, até então marcados apenas por intervenções que simbolizam os colonizadores e as culturas europeias. Acredita-se que essas intervenções propostas podem ressignificar o centro urbano e incentivar interações humanas fundamentadas no reconhecimento e respeito à diversidade.

Existem relações construídas historicamente entre os lugares e as identidades culturais dos grupos que os ocupam. É possível observar o espaço e perceber através dele a representação cultural de seu povo. Com um olhar sensível e cuidadoso, podem ser percebidas marcas de apropriação ou abandono dos espaços, e tais informações, podem contar muito sobre a história de uma comunidade, seus lugares e sua cultura. Não se pode pensar qualquer forma de intervenção espacial, sem considerar de que maneira essa mudança altera a dinâmica social e cultural das pessoas envolvidas nesse espaço. Através dos lugares planejados, pode-se afirmar, valorizar e respeitar os valores culturais de um povo. Por outro lado, quando os anseios da comunidade envolvida não são ouvidos no processo de projeto, corre-se o risco de através da materialidade da arquitetura e do urbanismo, negar a uma comunidade inteira o direito de ser, estar e habitar o mundo a partir do modo de viver no qual acredita.

Com o desenvolvimento da proposta, tanto por seus resultados quanto pela trajetória percorrida para chegar à eles, evidenciou-se que os produtos espaciais concebidos por arquitetos e urbanistas podem e devem valorizar o contexto cultural no qual se inserem e as especificidades das comunidade envolvidas no processo, assumindo sua relevância e responsabilidade social. Encontra-se em processos projetuais colaborativos, que consideram métodos interdisciplinares e horizontais de criação, uma possibilidade de afirmar, a partir dos espaços planejados, a diversidade cultural, sua aderência com um contexto local e o comprometimento com futuros cada vez mais marcados pela pluralidade. Vale ressaltar que este projeto foi realizado junto a comunidade. Tal construção colaborativa fez com que a comunidade se apropriasse da proposta ainda na fase projetual e incentivou a mobilização da mesma, que reivindica junto ao poder público a disponibilização de subsídios que viabilizem sua implementação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, S. (2004). A voz de Chapecó: Artigo de Antonio Selistre de Campos - 1939- 1952. Centro de Memória do Oeste Catarinense (org). Argos, Chapecó, Brasil.
- DILL, F. M. (2019). *Linguagem Socioespacial: A dimensão espacial do modo de viver Kaingang*. (Tese de doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- GIDDENS, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Zahar, Rio de Janeiro, Brasil.
- IBGE. (2010). *Características gerais dos indígenas: Resultados do Universo*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro, Brasil.
- JUNIOR, A. G. (2010). *Estudo Etnográfico sobre Alcoolização entre os Índios Kaingang da Terra Indígena Xaçupé: das Dimensões Construtivas à Perturbação*. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- KRESÓ, P. (1997). O Kiki permanece. In: *EG JAMEN KY MU - textos KAINGÁG*. TORAL, A. 80-87. APBKG/MEC/PNUD, Brasília, Brasil.
- KUPER, A. (2002). Cultura, diferença, identidade. Em A. KUPER, *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros (pp. pp.287-318). EDUSC, Bauru, Brasil.
- MAGNOLI, M. (2006). Em Busca de "Outros" Espaços Livres de Edificação. *Revista Paisagem Ambiente: Ensaio*, no. 21. p. 141 a 174, São Paulo, Brasil
- MANN, P. H. (1970). *Métodos de investigação sociológica*. Zahar, Rio de Janeiro, Brasil.
- MEIHY, J. C. (1996). *Manual de História Oral*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil.
- PROSHANSKY, H. M. (1993). Place identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*.
- RAPOPORT, A. (1971). Hechos y Modelos. Em G. BROADBENT, *Metodologia del Diseño Arquitectónico* (pp. p. 297-323). Editorial Gustavo Gili, Barcelona, Espanha.
- SANOF, H. (1994). *School Design*. John Wiley e Sons INC, New York, EUA.
- TOMMASINO, K., Capucci, J.M.R. e Cabral Jr., V.A. (1999). *Relatório II: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá*. FUNAI, Chapecó, Brasil.
- TOMMASINO, K. et. al. (1998). *Relatório I: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá*. FUNAI, Chapecó, Brasil.
- TOMMASINO, K., R. C. FERNANDES. (2001). *Povos indígenas no Brasil*. Educ, São Paulo, Brasil.
- TUAN, Y. F. (1983). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Difel, São Paulo, Brasil.
- TYLOR, E. (1958). *Primitive Culture*. John Mursay & Co, Londres, Inglaterra.
- UNWIN, S. (2013). *A análise da arquitetura*. Tradução técnica: Alexandre Salvaterra. Bookman, Porto Alegre, Brasil.
- ZANIN, N. Z., e DILL, F. M. (2016). *Educação escolar indígena manifestada em intervenção arquitetônica: reflexões a partir de uma escola Kaingang*. Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC, Brasil.